

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE-PUCSP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

VICTOR MOURA ROCHA

O PRAZER DO TERROR EM PSICANÁLISE

SÃO PAULO-SP

2013

VICTOR MOURA ROCHA

PRAZER DO TERROR EM PSICANALISE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito á obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dra. Renata Udler Cromberg

SÃO PAULO – SP

2013

VICTOR MOURA ROCHA

PRAZER DO TERROR EM PSICANALISE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito á obtenção do titulo de Especialista.

Orientador: Prof. Dra. Renata Udler Cromberg

Aprovado em _____ de _____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Renata Udler Cromberg
PUC-SP COGEAE

Prof. Dra. Adela Stoppel de Gueller
PUC-SP COGEAE

São Paulo, _____ de _____ de 2013.

AGRADECIMENTOS

A meus pais e minha irmã que sempre me apoiaram e me incentivaram em todos os momentos.

A minha orientadora que me auxiliou em todas as etapas deste trabalho.

Aos meus amigos cuja troca de experiências foi imprescindível para a conclusão deste trabalho.

A meus professores que me acompanharam durante toda minha caminhada pela psicanálise.

RESUMO

No presente trabalho buscou-se, com o auxílio da psicanálise, mais especificamente a produção freudiana, estudar as relações entre o terror e o prazer que está a ele associado. Para alcançar este objetivo foi preciso um percurso em alguns dos mais importantes conceitos psicanalíticos, como a sexualidade infantil, narcisismo, o prazer sexual e o narcísico, masoquismo, sadismo e a agressividade. Além disso, este trabalho que nasceu de uma inquietude com relação à fascinação e repulsa do terror que existe na nossa sociedade, busca na relação entre a agressividade natural do ser humano e as proibições de exercê-las livremente, e a razão pela qual esta dinâmica tem relação íntima com a problemática do prazer sentido pelo ser humano frente ao terror. Este estudo encontrou na literatura indícios que levam a crer que, na verdade, esta agressividade que não pode ser satisfeita de maneira direta, passa pelo terror e o utiliza como meio de satisfação libidinal, servindo assim como aliado da civilização. Além deste, outras questões que ligam o terror ao prazer também são trabalhadas, como o surgimento do narcisismo, masoquismo, e sadismo.

Palavras-Chave: Agressividade. Narcisismo. Prazer. Terror. Masoquismo. Sadismo. Guerra. Sociedade.

Abstract

In the present study sought with the aid of psychoanalysis, more specifically the Freudian production, to study the relationship between terror and pleasure that is associated with it. To accomplish this it took a course in some of the most important psychoanalytic concepts such as infantile sexuality, narcissism, sexual and narcissistic pleasure, masochism, sadism and aggressiveness. In addition, this work which was born of a worry regarding the fascination and revulsion of terror that exists in our society, searching the relationship between the natural aggressiveness of human and prohibitions on exercise them freely, and why this dynamic has intimate relation with the problem of pleasure felt by humans against terror. This study found evidence in the literature that suggest that in fact, this aggressiveness that cannot be satisfied directly, can be through the terror and uses it as a means of libidinal satisfaction, thus serving as an ally of civilization. Besides this, other issues that bind terror pleasure are also worked, such as narcissism, masochism and sadism.

Keywords: Aggressiveness. Narcissism. Pleasure. Terror. Masochism. Sadism. War. Society.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DA GÊNESE DO PRAZER AO TERROR	9
2.1	DO NARCISISMO E SEUS IDEAIS	9
2.2	A GÊNESE DO PRAZER E SUAS RELAÇÕES COM OS SEUS OBJETOS	13
2.3	O ASSUSTADOR	18
3	DO TERROR VOLTADO CONTRA O EGO	23
3.1	A QUESTÃO DO MASOQUISMO	23
3.2	A AGRESSIVIDADE E SEUS DESTINOS NA SOCIEDADE	27
4	DO TERROR DIRECIONADO A OUTROS	30
4.1	A QUESTÃO DO SADISMO	30
4.2	O TERROR DA GUERRA E DA MORTE	32
5	CONCLUSÃO	37
	REFERENCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Mesmo não se fazendo notar para o observador desatento, o assustador está sempre presente em nossas vidas. Seja na forma de noticiários, programas cujo intuito seja mostrar o horror solto em nossas ruas, seja nas casas fortificadas e cercadas de aparatos de tecnologia de ponta para evitar a entrada do terror nela. O terror também se faz presente como forma de entretenimento, como filmes que movimentam grandes quantias de dinheiro e que se tornaram parte da cultura pop da juventude, como “A hora do pesadelo”, “Sexta-feira 13”, “Psicose”, “Noite dos demônios”, “Hellraiser”, “A morte do demônio”, “Halloween”, “Mestre dos desejos”, “Poltergeist”, “O exorcista”, “Terror em Amytville”, “Carrie a estranha”, “It - A obra prima do medo”, “O iluminado”, “A Profecia”. Mas o terror como entretenimento não se encontra apenas em filmes, livros do gênero figuram entre os clássicos da literatura como “A Coisa”, “O Cemitério”, “Christine”, “Frankenstein”, “O Médico e o Monstro”, “The Call of Cthulhu”, “O caso de Charles Dexter Ward” e Drácula. Animações como Boogiepop Phantom, Le Portrait de Petit Cossette, Jogos como Resident Evil e Dead Space representam outras formas que o terror pode utilizar para ser vendido como forma de consumo pela população.

Esta grande lista que citei serve para levantar uma questão. Como uma coisa que, num primeiro momento serve para causar ansiedade e aflição, pode ter um espaço tão grande na nossa cultura e em várias outras? Apesar de ter me referido especificamente a questão do terror vendido deliberadamente, esta questão também é válida para o terror real, aquele que se encontra nas ruas e programas de televisão que o utiliza como reality show, dentre eles o Cidade Alerta ou na glorificação dos horrores da guerra, que geram vários documentários falando de seus heróis, seus monstros, perdas e glória.

A primeira hipótese que me surgiu foi a de um prazer que a sensação de horror pode gerar, e sua ligação com a sexualidade. Filmes como os da série Sexta-Feira Treze e Cradle of Fear, por exemplo, com suas mulheres de seios fartos sendo

cruelmente assassinadas, enquanto mostram seus corpos sensuais, no mínimo tornam esta uma suspeita válida.

O presente trabalho tem como objetivo investigar a existência e as bases deste prazer que pode ser obtido por meio do terror seja ele direcionado para o ego do indivíduo ou infligido sobre outro objeto, como no caso da guerra.

A meu ver, a psicanálise freudiana se mostra como a ferramenta mais adequada para esta tarefa, tendo em vista a grande quantidade de trabalhos teóricos que podem nos ajudar a investigação, como os textos *O Estranho*, *O Problema Econômico do Masoquismo*, *Os Três Ensaios Sobre a Sexualidade* e *Reflexões Para os Tempos de Guerra e Morte*.

A investigação feita pela psicanálise tem como característica principal o foco no inconsciente e os mecanismos que pertencem a ele, englobando conteúdos latentes que tem grande influência na vida psíquica do indivíduo. Esta influência pode ser a chave que nos permita entender e explicar a aparente contradição que apresenta o gostar de algo que, em primeira vista, apresenta apenas um caráter aversivo. Acho difícil evitar a hipótese de que existe junto a este elemento ao qual Freud se refere como “estranho”, um componente prazeroso.

2 DA GÊNESE DO PRAZER AO TERROR

2.1 DO NARCISISMO E SEUS IDEAIS

O narcisismo encontra sua importância no presente trabalho considerando que se refere à integridade do ego, e, aqui me refiro especificamente ao narcisismo primário. É uma fase constituinte do ego do sujeito. Assim sendo, muito tem a ver com as relações que o indivíduo tem com os objetos e a relação que forma com eles, sendo assim, o narcisismo se configura como um conceito central no presente estudo, por isso se faz necessária uma reflexão sobre o termo e seu surgimento.

Primeiramente o termo narcisismo se relaciona ao conceito de fetichismo, que surge por volta de 1750 e é retomado em psicologia pelo psicólogo francês Albert Binet. Mas não é somente na psicologia que tal termo recebe atenção especial, sendo campos como a antropologia, sexologia, religião, economia política, entre outros, responsáveis pela grande gama de mudanças sofridas pelo conceito. O seu uso depende da ótica pela qual se observa o conceito. (ROUDINESCO, 1988, p. 235-236).

Freud, em seu trabalho “Sobre o narcisismo: Uma introdução”, de 1914, considera que a libido disponível para ser investida trata-se de uma reserva única que, em situações ideais, pode (e deve) seguir dois caminhos: parte dela ser investida no próprio ego, e a outra parte deve ser investida no mundo externo, sendo a primeira chamada de “libido do ego” e a segunda “libido objetal”. Tal trabalho traz não somente esta inovação, como também outros conceitos importantes para a psicanálise como o “ego ideal” e “ideal do ego”.

O narcisismo pode ser definido como um estado psíquico em que a reserva libidinal do indivíduo se volta para si mesmo, ou seja, trata-se do retorno da libido que foi investida nos objetos ao próprio ego, transformando a si mesmo em objeto único de amor, voltando a uma condição que já experimentou antes na sua vida

psíquica, sendo assim, este tipo de narcisismo merece o nome de narcisismo secundário (FREUD, 1914/2006, p. 82).

A libido que em uma época pertenceu toda ao ego agora pode ser redirecionada a outros objetos. Assim sendo podemos notar uma antítese entre estas duas libidos, a libido do ego e a libido objetal, onde quanto mais uma é empregada, a outra é mais esvaziada. Freud cita a pessoa apaixonada como exemplo extremo do emprego da libido objetal. Este indivíduo parece se desinvestir de libido, ao passo em que enxerga a pessoa amada como idealizada. Na condição oposta cita o paranoico, com grande retorno desta libido objetal, transformando-a de volta em libido do ego (FREUD, 1914/2006, p. 83). Para caracterizar a relação entre o ego e seu investimento libidinal com os objetos Freud (1914/2006, p. 83) usa a seguinte analogia:

Assim, formamos a ideia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionada com os pseudópodes que produz.

Para Freud, esse movimento de desinvestimento ocorre tanto em esquizofrênicos, quanto em indivíduos que se sentem incapazes de amar frente a alguma perturbação (podendo ser tanto de natureza física ou mental). Também está associado à perda de um objeto amado, configurando-se então uma tentativa de regressão a um estado de plenitude (estado de onipotência primária), característica de uma situação anterior enquanto o ego ainda estava se formando (FREUD, 1914/2006, p. 81-89). Estamos aqui no reino de “Sua Majestade, o Bebê”, estado em que o bebê se sentia pleno, sem falta, sendo um só com o mundo externo.

Em outras palavras, o bom funcionamento do aparelho psíquico depende do equilíbrio entre a libido investida no ego e da libido investida no mundo externo. O investimento extremo em qualquer um dos lados provoca sérios danos ao funcionamento saudável: tanto o indivíduo voltado para si é incapaz de amar, o que o conduz à morte, ao passo que é incapaz também de se voltar para o objeto vital – quanto o indivíduo investe toda sua energia num objeto externo se encontra vazio de si mesmo.

As escolhas que fazemos dos objetos que amaremos no futuro pode seguir dois moldes. No primeiro deles a figura que é usada como ancora para a escolha objetal é a mãe ou qualquer individuo que a substitua. Este tipo de ligação precede boa parte das escolhas de objeto feitas pelo sujeito, assim este tipo de escolha recebe o nome de escolha de objeto do tipo anaclítico. Pessoas que sofreram dificuldades no seu desenvolvimento libidinal escolhem não outras pessoas como modelo, mas seus próprios eus. Assim sendo, estas pessoas que escolheram a si mesmas como moldes do futuro objeto de desejo farão, em algum momento da vida, escolhas que chamamos de escolha objetal narcisista. Vale notar que os tipos de escolha de objeto não estão reservadas para categorias específicas de pessoas, sendo assim, todos podem em um momento ou outro da vida possuir objetos anaclíticos ou narcisistas ao mesmo tempo. Todo ser humano tem originalmente dois objetos sexuais, ele mesmo e a mulher que o criou, deixando claro assim a existência de um narcisismo primário (FREUD, 1914/2006, p. 94-95).

Freud postula que para realizar um estudo mais adequado do narcisismo primário ao qual toda criança precisa passar no curso de seu desenvolvimento precisamos observar a questão por um canal indireto, não por uma observação direta do fenômeno. Com isso Freud quer dizer que a atitude que os pais têm para com seu filho é, em realidade, uma revivescência do narcisismo que eles mesmos tiveram que abandonar durante seu desenvolvimento. A escolha objetal narcísica é permeada de uma supervalorização que domina a atitude emocional do individuo perante o objeto. Assim sendo os pais se acham sob uma compulsão de sanar todas as necessidades do filho, além de ocultar todas as deficiências dele, posição que dificilmente seria sustentada com um nível de consciência mais lucido da situação (FREUD, 1914/2006, p. 97-98). Ao tratar desta devoção, que nada mais é que o depósito do seu próprio narcisismo sobre a criança Freud (1914/2006, p. 98) postula:

A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação — ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram — o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais

é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.

Nesta etapa, onde suas necessidades são sempre satisfeitas, o indivíduo cria para si um ideal. Freud chama este ideal de ego ideal, ideal este que de agora em diante é o alvo do amor de si mesmo desfrutado pelo ego na sua infância. O narcisismo se dá na direção deste ego ideal que se acha possuidor de toda perfeição, assim como se sentia o ego infantil. Este ego ideal, que nada mais é que o substituto do seu narcisismo perdido vem como forma de recuperar a plenitude de outrora, ao passo em que a realidade continua a frustrar seus sonhos de completude. O processo de idealização diz respeito ao objeto e ao engrandecimento desde objeto sem que exista nenhuma alteração na sua natureza, crescendo apenas ao passo em que este se torna o depositário de libido. Este fenômeno pode ocorrer nos dois sentidos, tanto pode ir para o ego, como pode se ligar a objetos fora deste. A criação de um ideal é um fator condicionante a repressão, uma vez que aumenta as exigências sobre o ego, sendo assim, a formação de um ideal chamado de ideal do ego costuma ser confundido com a sublimação, porém são processos distintos. A sublimação é na verdade uma saída para o ego, pois pode ter suas exigências atendidas sem que precise existir uma repressão. Este ideal do ego se forma primeiramente a partir da influência crítica dos seus pais, que mais tarde se juntará a educadores e a voz da sociedade. Este ideal do ego narcisista recebeu grandes quantidades de libido de natureza homossexual em sua formação e deste modo existe certo prazer em conserva-lo, mesmo quando consideramos o quão severo este pode ser com o ego (FREUD, 1914/2006, p. 101-103).

A existência deste ideal do eu tem o propósito de ser a medida ao qual o ego real almeja alcançar. Este fenômeno do ego sempre vigiado não é incomum, sendo muito semelhante daquele dos paranoicos, vigiados constantemente por uma entidade da qual não podem se esconder, da sua própria consciência. Em casos não tão patológicos, tudo que uma pessoa faça ou conquiste é comparado com este ideal, e qualquer passo que esta pessoa dê nesta direção será sentido como prazeroso e aumentará sua autoestima, e o seu oposto também é válido, qualquer deslize será passível de punição, como o sentimento de culpa, por exemplo. Esta culpa remete ao temor de punição pelos pais na sua época de criança, principalmente pela perda do seu amor, sendo substituídos paulatinamente por um grande número de pessoas até serem internalizados. A autoestima está intimamente

relacionada ao tipo de escolha objetal. Este tipo de escolha objetal narcisista corre no sentido de ser amado e de criar um aumento na autoestima, porém uma catexia objetal libidinal não leva a autoestima, ao passo em que uma pessoa apaixonada é um indivíduo que se priva de parte de seu narcisismo, narcisismo este que só pode ser restituído caso seja amado por outra pessoa, tornando assim o elemento narcisista fundamental para a autoestima. Uma parte desta autoestima é primaria, ou seja, é um resquício do narcisismo infantil, outra parte é proveniente da realização deste ideal do ego e por fim a terceira parte é advinda da satisfação da libido objetal (FREUD, 1914/2006, p. 104-108).

2.2 A GÊNESE DO PRAZER E SUAS RELAÇÕES COM SEUS OBJETOS

Não seria prudente iniciar um estudo sobre o prazer e não dar posição privilegiada aos três ensaios sobre a sexualidade, escrito pro Freud em 1905.

A duvida sobre a origem de todas as perversões da pulsão sexual quanto ao seu objeto e alvo pende sobre duas possíveis respostas, elas poderiam vir de uma predisposição inata ou são adquiridas com o desenvolvimento e é com esta duvida que Freud dá inicio aos estudos da inversão. A investigação da psicanalise aponta que todos os seres humanos possuem a disposição para as perversões, ao passo em que esta é a disposição originaria universal da pulsão sexual humana. Sendo assim, num primeiro momento a pulsão circula de uma forma mais livre do que o faz na vida adulta, e que quando o desenvolvimento se dá sem maiores desvios, ou seja, se o processo de maturação se der de forma normal, o resultado será um comportamento sexual saudável, e com um único alvo sexual adequado (FREUD, 1905/2006, p. 218).

Sendo assim, vinculo entre a pulsão e o objeto não é mais tão rígido quanto parecia sendo ela originalmente independente do objeto, e que este objeto é

escolhido por uma tortuosa historia no desenvolvimento infantil, e não pelas qualidades inerentes deste objeto (FREUD, 1905/2006, p. 140).

Voltemos agora nossa atenção para o desenvolvimento sexual infantil, que nos dará material para que possamos observar o que já foi dito de maneira mais adequada.

O bebê ao nascer já possui a semente das pulsões sexuais, que vão se desenvolvendo junto com a criança, e que se espera que num determinado período da vida sofra uma progressiva supressão, sendo ela posteriormente interrompida tanto pelo desenvolvimento natural como por particularidades individuais (FREUD, 1905/2006, p. 166).

Utilizando-me do mesmo exemplo citado por Freud, pretendo fazer um apanhado geral sobre os primeiros anos do desenvolvimento sexual infantil. O chuchar, repetição rítmica da atividade labial de sucção observada no ato de mamar da criança, mas que se encontra fora da atividade de alimentação tem em si um caráter de prazer, denunciado pela atenção e pela movimentação motora semelhante a um orgasmo que geralmente se segue. Esta atividade foi eleita devido a um prazer vivido previamente na amamentação e que agora, esta criança busca em seu próprio corpo outros meios de reviver este prazer. O lábio da criança aqui atua como zona erógena, que quando estimulada proporciona prazer à criança, geralmente acompanhada por outra zona erógena elegida pela criança como substituta do seio, sendo esta inferior a original e que vai fazer com que, no futuro, esta seja substituída pelo objeto sexual adequado. Com isto podemos notar que a pulsão neste caso não se satisfaz em outra pessoa, mas sim em uma determinada parte do corpo da criança. Três características sobre a sexualidade infantil se apresentam aqui. A primeira delas é que a sexualidade infantil se apoia primeiramente em uma função que visa à preservação da vida, a segunda é que ela é auto erótica, não necessita mais do outro para se satisfazer e se separa da função da qual teve origem e por fim a terceira, o alvo sexual se encontra sob direto domínio das zonas erógenas (FREUD, 1905/2006, p. 169-172). Tendo isto em mente podemos ver um indicio da natureza perversa da pulsão infantil ao passo em que sendo impedida a escolha de um objeto sexual normal em outro individuo pela

falta de maturidade sexual na criança, elege um objeto e um alvo inadequado para a pulsão quanto seu intuito de reprodução.

A esta tendência de repetição da satisfação sentida previamente pode surgir de duas maneiras, a primeira delas por uma sensação de tensão que gera no indivíduo uma sensação de desprazer, que quando aliviada gera o prazer e a segunda surge de uma estimulação centralmente condicionada e projetada para uma zona erógena periférica. O alvo sexual, a ação para qual a pulsão conduz o indivíduo, vem substituir esta segunda forma do surgimento da repetição. (FREUD, 1905/2006, p. 175).

Observando o desenvolvimento infantil podemos ver que a evolução da pulsão sexual não se dá de maneira uniforme durante os anos existindo um período de grande atividade sexual, seguida por um tempo no qual ela aparentemente se silencia e após este período a sexualidade retorna, desta vez de forma mais domada, se encaixando melhor no que costumamos chamar de sexualidade normal. Sendo assim, podemos considerar que a escolha do objeto sexual, ou seja, o foco final da pulsão sexual se dá em dois tempos. A primeira etapa desta escolha tem início entre os dois e cinco anos e apresenta as características infantis de seus alvos sexuais. Esta primeira etapa é detida pelo surgimento do período de latência, que é seguida pela segunda etapa da escolha objetual que surge na puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual adulta desta criança (FREUD, 1905/2006, p. 188-189).

Este período de latência encontra sua importância no fato de que é nele que se levantam as barreiras anímicas que bloquearão a livre circulação da libido por entre os inúmeros alvos sexuais em potencial. Este estreitamento do curso da pulsão sexual se dá a maneira de diques que darão a alvos previamente aceitáveis um caráter de asco, o ligará com sentimentos de vergonha e também será barrado pelas exigências sociais e morais vigentes na sua sociedade. Estas barreiras, que ditam qual direção seguirão as pulsões sexuais, serão erguidas, muito provavelmente, utilizando-se da própria moção sexual que, neste momento, se encontra desviada de seus fins sexuais e é destinada a outras atividades, como este levantamento destas barreiras e a construção de componentes que ajudarão a criança a se inserir na cultura, por exemplo. É durante este período de latência que a

criança aprende a amar as pessoas que cuidam dele, aliviando-o da sua sensação de desamparo, este modelo aponta a importância que a relação da criança com os pais tem, pois é a influência mais importante na escolha do seu futuro objeto de amor (FREUD, 1905/2006, p. 167-216).

Mesmo que o efeito do período de latência pareça resumir o percurso da bitemporalidade da escolha do objeto sexual é essencial que lancemos um olhar ao desarranjo final desta dinâmica. Esta escolha objetual se prolonga pelas consequentes etapas do desenvolvimento, se conservando exatamente da maneira que se encontra após a dissolução do período de latência ou passando por uma reformulação na época da puberdade. Tendo seus alvos sexuais reduzidos, os que sobraram podem ser descritos como a corrente de ternura da vida sexual, mas a psicanálise nos mostra que por traz desta ternura se escondem os antigos objetos sexuais agora inibidos das pulsões sexuais parciais infantis (FREUD, 1905/2006, p. 189).

Sendo assim, a forma primitiva de sexualidade encontrada na criança está ligada a nutrição, ou seja, o objeto estava fora do corpo da criança, na maioria das vezes o seio materno. Ao se desenvolver, a criança perde o seio materno e precisa formar uma representação geral da pessoa a quem aquele seio está ligado e percebe a necessidade de procurar substitutos para aquele objeto perdido e encontra em si a solução, tornando a sexualidade deste período auto erótica. No período da puberdade é que a disposição originária ressurgem, onde o objeto sexual pode estar novamente no outro. Quando falamos da escolha do objeto sexual e a sua relação com o indivíduo estamos falando de um reencontro, uma reedição de um evento ocorrido no início da infância (FREUD, 1905/2006, p. 210).

A excitação sexual pode surgir de três modos: um estímulo vindo do mundo externo, uma atividade do interior do organismo, ou por agentes da vida anímica e por meio de qualquer um dos três caminhos surgem dois tipos de sintomas. O primeiro e mais importante para a presente pesquisa são os sintomas anímicos que consistem num aumento notável de tensão no aparelho psíquico que, além de impulsionarem o aparelho psíquico a uma ação que anule esta tensão traz em si o caráter inegável de desprazer. Porém tratando-se de uma excitação sexual, ela também se faz acompanhada de prazer. O segundo ponto se refere a alterações

corporais, principalmente evidenciadas por alterações nos genitais para a preparação do ato sexual (FREUD, 1905/2006, p. 197-198).

Por meio da investigação psicanalítica podemos ligar todos os processos afetivos mais intensos aos quais estão suscetíveis todas as pessoas, inclusive o foco deste trabalho, o terror, a processos ligados a sexualidade, o que poderia ajudar a explicar os efeitos patológicos dos abalos mais fortes de tais sentimentos. Um exemplo, citado por Freud (1905/2006, p. 192), explica este tipo de ocorrência melhor do que eu o poderia:

Nos escolares, o pavor de fazer uma prova ou a tensão diante de uma tarefa difícil de solucionar podem ser importantes não só para seu relacionamento com a escola, mas também para a irrupção de manifestações sexuais, na medida em que, nessas circunstâncias, é muito frequente surgir uma sensação estimuladora que incita ao contato com a genitália, ou ainda um processo da natureza de uma poluição, como todas as suas consequências desconcertantes. O comportamento das crianças na escola, que propõe aos professores um número bastante grande de enigmas, merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua sexualidade.

Sendo assim, o efeito francamente desprazeroso de afetos como a angustia, medo e o horror existem paralelamente a um efeito sexualmente excitante, o que explica o porquê de tantas pessoas procurarem estas sensações dentro de circunstâncias controladas, como num filme, livro, um noticiário de televisão ou a prática de certos esportes, atenuando a gravidade desta sensação de desprazer. (FREUD, 1905/2006, p. 192).

As crianças se comportam desde cedo de uma forma a indicar que sua afeição às outras pessoas possui uma natureza embasada no amor sexual e, sendo assim, a angustia que surge nas crianças é a expressão da falta da pessoa amada e por isso se manifesta na presença de estranhos. As histórias assustadoras contadas para crianças tem seu efeito emprestado deste fato, e não por suas características inerentes (FREUD, 1905/2006, p. 211-212).

2.3 O ASSUSTADOR

Mas se as coisas tidas como assustadoras não possuem seu caráter estranho a partir de suas próprias qualidades, de onde surge esta impressão? Num primeiro momento Freud nos convida a observarmos a palavra *heimlich* ['doméstica'] e fazer um exame linguístico dela. Num primeiro momento, quando a comparamos com o seu inverso, *unheimlich* ['estranho'], temos a tendência a concluir que aquilo que é novo nos é assustador por que é desconhecido, porém isso não se aplica, pois não é difícil encontrarmos exemplos de coisas que são novas, porém não se mostram como assustadoras. Tendo isso em mente, o novo precisa ser acompanhado de mais alguma outra qualidade para ser considerado estranho, assustador (FREUD, 1919/2006, p. 237-239). Começo por colocar a definição do termo *Heimlich* retirado do dicionário português-alemão escrito por Irmen (2011, p.922):

Heimlich: A) ADJ: secreto; clandestino; oculto a.j-d dissimulado; íntimo; familiar B) ADV: em segredo; à socapa.

Dentro dos seus significados se encontram duas ideias que não são opostas, mas que tem significados completamente diferentes e sendo assim o que é conhecido também pode ser secreto, sorrateiro, se mantém fora da vista do observador. Uma outra nota para qual vale focarmos nossa atenção é de que, para alguns estudiosos, o termo *unheimlich* é, na verdade, o que deveria ter permanecido oculto, mas que por alguma razão veio a tona. *Unheimlich* pode ser considerado, em última instância, como fazendo parte do universo das coisas que o *heimlich* engloba (FREUD, 1919/2006, p. 242-244).

Para dar início ao entendimento desta problemática Freud se utiliza da história 'O homem da areia' de Ernst Hoffmann. O foco principal desta história é o homem da areia, que arranca os olhos das crianças. Sem entrarmos em detalhes do conto podemos nos focar na relação do protagonista, o Natanael com o conto infantil do homem da areia, que vem arrancar os olhos das crianças que não dormem. A psicanálise nos mostra que nas crianças, e também muitos adultos, o temor de ferimento nos olhos possui um destaque com relação ao seu efeito assustador. Além da tendência da autopreservação presente em todos os humanos, tal medo pode vir

a ser o substituto simbólico para o medo da castração. Os olhos estariam vinculados aos órgãos genitais masculinos e este medo seria, na verdade, o medo de perder dito órgão (FREUD, 1919/2006, p. 244-249).

Para falar desta ligação entre a castração e o terror Freud (1922/2006, p.289) se utiliza do mito da medusa:

Decapitar = castrar. O terror da Medusa é assim um terror de castração ligado à visão de alguma coisa. Numerosas análises familiarizam-nos com a ocasião para isso: ocorre quando um menino, que até então não estava disposto a acreditar na ameaça de castração, tem a visão dos órgãos genitais femininos, provavelmente os de uma pessoa adulta, rodeados por cabelos, e, essencialmente, os de sua mãe.

No caso das obras de arte, os cabelos da medusa são representados como cobras, e mesmo sendo assustadoras por si só, seu real intuito é o de servir como atenuante do horror que é a castração, representando a ideia de substituir o pênis. Assim, este mito nos ajuda a confirmar que a multiplicação do símbolo que representa pênis na verdade remete a castração (FREUD, 1922/2006, p. 289). Freud (1922/2006, p 289) conclui:

A visão da cabeça da Medusa torna o espectador rígido de terror, transforma-o em pedra. Observe-se que temos aqui, mais uma vez, a mesma origem do complexo de castração e a mesma transformação de afeto, porque ficar rígido significa uma ereção. Assim, na situação original, ela oferece consolação ao espectador: ele ainda se acha de posse de um pênis e o enrijecimento tranquiliza-o quanto ao fato.

O homem de areia possui relação com alguns acontecimentos interessantes na história criada por Hoffmann. Ele está ligado com a morte do pai de Nataniel, além de ser o intruso que o separa de sua amada duas vezes e do seu melhor amigo, o irmão da sua noiva, mas por que estas características estão ligadas ao homem da areia? Novamente encontramos a resposta no complexo de castração, na qual o homem da areia cumpre o papel do pai castrador (FREUD, 1919/2006, p. 249).

Durante todo o conto, o homem da areia se vê reencarnado em outros personagens, onde várias características pulam de um personagem a outro, onde um se identifica com o outro e a separação entre o seu próprio self do self do outro fica embaçada. Este fato nos remete ao conceito do “duplo”. O duplo no início do

desenvolvimento da criança é uma proteção contra a destruição do ego, no sentido de negar o efeito da morte, sendo um dos seus primeiros frutos a alma 'imortal' do corpo. Estas ideias brotam do narcisismo primário que domina a mente da criança assim como dominou a mente do homem primitivo. Sendo superada esta etapa do desenvolvimento infantil, o duplo que antes protegia o ego de sua destruição se transforma no representante da morte dentro do mundo psíquico. Este duplo não só não desaparece ao se superar o narcisismo primário, como também se modifica, recebendo novos significados nas subseqüentes etapas do desenvolvimento. Esta nova entidade que resiste ao resto do ego ganha a nova função de criticar este ego, e exerce uma função de censura sobre ele. Mas além desta característica ameaçadora, o duplo pode carregar em si as fantasias, nossas vontades suprimidas (FREUD, 1919/2006, p. 252-253).

A qualidade de estranheza apresentada pelo assustador neste caso vem do duplo, uma criação amistosa de um estado mental primitivo superado que se converteu em um objeto de terror (FREUD, 1919/2006, p. 254).

A repetição também carrega em si o potencial para ser uma fonte de estranheza, a pesar de não se mostrar como tal em todas as oportunidades. Dentro de certas circunstâncias, esta repetição provoca uma sensação de desamparo que não é incomum em sonhos, por exemplo. A explicação para isso talvez possa ser encontrada na compulsão a repetição inerente a alguns impulsos instintuais, sendo forte o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer. Qualquer coisa que nos lembre desta compulsão será, em última instância, sentida como estranha. (FREUD, 1919/2006, p. 256).

As superstições chamam a nossa atenção a outro fato que pode ser ligada a sensação de medo e estranheza, em particular o mau-olhado. Ao possuir algo valioso, o indivíduo tem medo da inveja de outras pessoas, ao passo em que projeta nelas a inveja que teria caso a situação estivesse invertida. Podemos adicionar ao que foi dito até agora que o que é temido é uma intenção de fazer mal disfarçada e que aquela intenção por si só tem o poder de se fazer efetivar no mundo real, representando assim a onipotência do pensamento, gerando o embasamento que se dá entre a realidade e a imaginação, onde a realidade psíquica se sobrepõe a realidade material (FREUD, 1919/2006, p. 257).

Isto se dá de forma semelhante ao modo como os homens primitivos compreendiam o universo que os rodeava e faz parecer que todos os humanos nascidos tivessem passado durante o seu desenvolvimento um estado que correspondesse a este estado animista e que este estado deixou em nós traços que, caso algo venha a tocar estes resíduos será sentido por nós como estranho (FREUD, 1919/2006, p. 258). É possível dizer que hoje superamos este estado primitivo, mas tão cedo quanto notamos algo no mundo real que confirme a existência de crenças semelhantes à superstição previamente mencionada, a sensação de estranheza surge. É preciso notar que aquilo que é o estranho, precisa ser experimentado pelo indivíduo, e não apenas visualizado (FREUD, 1919/2006, p. 264).

Fazendo um retorno ao conceito de heimlich, onde o familiar pode ser sentido como dissimulado podemos dizer que o que um dia circulava livre e que dava prazer, mas que por alguma razão foi reprimido, é sentido na vida adulta como ansiedade. Então, entre as coisas tidas como assustadoras devem existir algumas que se caracterizam por uma coisa reprimida que agora retorna (FREUD, 1919/2006, p. 258-259).

Podemos dividir as experiências estranhas em duas categorias: A primeira delas exige este tipo de ligação com as antigas crenças herdadas dos nossos antepassados, aquelas que se referem à onipotência do pensamento na qual quando algo no mundo real as valida elas reganham um lugar de importância no imaginário do indivíduo. Sendo assim, a realidade material tem um papel importante no surgimento desta sensação de estranheza. A segunda destas categorias se refere aos conteúdos infantis reprimidos. Neste caso a realidade material serve apenas como um depósito do conteúdo da realidade psíquica do sujeito. Isto significa que o estranho sentido neste caso ocorre quando complexos infantis que tinham sido reprimidos são trazidos à tona por algo na realidade. Assim, o que está em jogo é um conteúdo que retorna, e não da eliminação de uma crença nas leis da realidade. A pesar de parecer claro, nem sempre é possível distinguir uma categoria da outra (FREUD, 1919/2006, p. 264-266).

Tudo o que foi dito até agora se foca no estranho no mundo real, mas sabemos que a ficção tem muito mais ferramentas para criar o efeito de estranheza. Muito do que é estranho na ficção pode não o ser na vida real, e o contrário também

é verdadeiro. Isto se deve ao fato de que o mundo no qual a ficção em questão está inserida não possui o mesmo modo de funcionamento do mundo real. Este funcionamento é apresentado ao sujeito como sendo normal e aceitável. Este, por sua vez, não sente como estranho algo que estranharia no mundo real, pois não existe aí um conflito no julgamento das coisas possíveis, como no caso do pensamento mágico. Caso o autor resolva construir sua história com a realidade do mundo comum, ele terá que aderir as regras que fazem as coisas serem estranhas no mundo real, porém pode ampliar o efeito do estranho fazendo com que aconteça nesse mundo coisas que dificilmente aconteceriam na realidade, criando a sensação de um mundo real, porém agindo nele no sentido de trair essa sensação, fazendo com que tenhamos reações do mundo real a coisas que fogem a nossa realidade (FREUD, 1919/2006, p. 266-267). Por fim outra questão deve ser levantada. Duas coisas que parecem semelhantes numa primeira observação podem ser sentidas de maneiras completamente diferentes, como demonstra Freud (1919/2006, p. 268-269):

Na farsa de Nestroy intitulada *Der Zerrissene* [*O Homem Dilacerado*], é utilizado outro meio para evitar qualquer impressão estranha na cena em que o fugitivo, convencido de que é um assassino, levanta um alçapão atrás do outro, e de cada vez vê o que julga ser o fantasma da sua vítima erguendo-se do alçapão. Ele grita com desespero 'Mas eu matei apenas *um* homem. Por que esta assombrosa multiplicação?' Sabemos o que aconteceu antes dessa cena e não partilhamos do seu erro, de modo que aquilo que deve ser estranho para ele tem sobre nós um efeito irresistivelmente cômico.

Podemos ver que os efeitos emocionais podem diferir do assunto tratado na ficção.

3 DO TERROR VOLTADO CONTRA O EGO

3.1 A QUESTÃO DO MASOQUISMO

Até agora, poucos indícios foram apresentados sobre um prazer real que pode ser obtido do desprazer. Ora, se pensarmos na questão do narcisismo veremos que a integridade física e a busca da restituição de um estado ideal perdido vão no sentido oposto a ideia de que um prazer pode surgir do sofrimento. É possível ver uma luz quando contemplamos o conceito de Ideal do ego, ao passo que, sendo que ele impõe inúmeras barreiras frente ao ego, causa sofrimento e repressão, mas que sendo ele um grande depósito de libido de caráter homossexual, sua satisfação vem acompanhada de um inegável prazer. Mas somente isso não daria um suporte razoável para a questão aqui apresentada. Ao acompanhar o estudo de Freud sobre o desenvolvimento sexual nos “Três ensaios sobre a sexualidade” nos deparamos com um conceito vital para a presente pesquisa: o masoquismo.

Problemática primeiramente trabalhada por Freud no primeiro dos três ensaios sobre a sexualidade (1905) e continuado no texto “O problema Econômico do Masoquismo” de (1924). Esta temática é trabalhada em alguns outros textos, mas que não serão trabalhados aqui, e um exemplo destes textos que não pode deixar de ser mencionado é o texto de 1919 “Uma criança está sendo espancada”, no qual Freud trabalha problemáticas como o masoquismo, sadismo e a posição do pai de forma particularmente brilhante.

Se partirmos somente do pressuposto que prega o princípio do prazer, evitar o desprazer e buscar o prazer ficaremos perdidos frente à questão do masoquismo. Nele, o desprazer pode ser um objetivo, e não mais um aviso de perigo. Tendo comentado anteriormente que o aparelho psíquico tende a viver buscando uma estabilidade de tensão, ou seja, sem grandes oscilações desta no aparelho, tendemos a imaginar que quando o aumento de excitação no aparelho acontece, este luta para apaga-las ou reduzir esta soma ao mínimo possível. Porém seria incorreto afirmar que toda tensão é desprazerosa e todo alívio dela remete ao prazer.

O aumento da tensão sexual, por exemplo, é gerador de prazer e sendo assim, não podemos creditar apenas aos níveis de tensão seu caráter de prazer ou desprazer. Mesmo não sendo o único fator que determina o caráter de prazer ou desprazer, o aumento e a diminuição da tensão tem muito a ver com este, mas devemos considerar também a características qualitativas desta tensão específica (FREUD, 1924/2006, p. 177-178).

O masoquismo se apresenta para a observação psicanalítica de três formas. A primeira delas se refere a uma condição imposta à excitação sexual, recebendo o nome de masoquismo erógeno. A segunda delas se refere à expressão da natureza feminina, chamado de masoquismo feminino. Por fim temos o masoquismo que toma a forma de uma norma de comportamento, o masoquismo moral. O primeiro dos tipos, o prazer no sofrimento, na verdade serve como base para os outros dois. Este tipo de masoquismo em particular é muito obscuro, provavelmente tendo sua base na constituição do indivíduo e até mesmo em linhas biológicas do desenvolvimento do sujeito (FREUD, 1924/2006, p. 179). A libido age no sentido de manter o organismo vivo, e assim sendo tenta inibir a ação da pulsão de morte no próprio organismo, desviando grande parte da pulsão de morte para fora, com os novos alvos sendo objetos que se encontram no mundo externo. Uma parte deste instinto é colocada a serviço da sexualidade, nesta dinâmica que chamamos de sadismo. Parte desta pulsão não é colocada para fora do organismo, se prende com a excitação sexual e fica libidinalmente presa a ela. É neste ponto que podemos identificar o masoquismo original, o erógeno (FREUD, 1924/2006, p. 179-181),

A vinculação inicial da pulsão de vida e de morte pode ser indicada pela dinâmica do masoquismo e do sadismo. Depois de ter sido, em sua grande parte, colocada para fora, parte da pulsão de morte continua ligada com a pulsão de vida dentro do eu, constituindo o que Freud chama de masoquismo primário, tendo o eu como seu objeto. Para Freud não é de se estranhar que, num dado momento da vida do indivíduo, o sadismo possa retornar para dentro do indivíduo, criando assim um masoquismo secundário, que se uniria a este primário, o masoquismo original (FREUD, 1924/2006, p. 182).

O masoquismo original acompanha a libido por todas as fases do desenvolvimento deste, como explanado por Freud (1924/2006, p. 182-183):

O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) origina-se da organização oral primitiva; o desejo de ser espancado pelo pai provém da fase anal-sádica que a segue; a castração, embora seja posteriormente rejeitada, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio ou organização fálica, e da organização genital final surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade. O papel também desempenhado no masoquismo pelas nádegas é facilmente compreensível, independentemente de sua base evidente na realidade. As nádegas são a parte do corpo que recebe preferência erógena na fase anal-sádica, tal como o seio na fase oral e o pênis na genital.

O masoquismo feminino, a pesar do nome, está presente em pessoas do sexo masculino também. Neste masoquismo o indivíduo se coloca numa posição infantil, de criança pequena e desamparada, e, além disso, o indivíduo se coloca numa situação caracteristicamente feminina, significando ser castrado, copulado ou dar a luz a um bebê. O ser castrado marca negativamente a imagem de si na fantasia na condição que nenhum mal venha a ocorrer com os órgãos genitais ou aos olhos. Junto a esta fantasia surge um sentimento de culpa, criado pelo crime de natureza indefinida que o indivíduo cometeu e que passa por todos os processos penosos que existem em sua fantasia. Este processo se encontra intimamente ligado com a masturbação infantil, componente sexual ao qual o masoquismo primário se encontra vinculado (FREUD, 1924/2006, p. 179-180).

Por fim temos o masoquismo moral que, vale notar, é o tipo que menos se assemelha com o que entendemos como sexualidade. Os outros tipos de masoquismo demandavam a presença e a ação da pessoa amada, o que não ocorre com este tipo particular. Neste caso o sofrimento é o que de fato importa: se ele foi causado por uma pessoa amada ou não é indiferente. Os indivíduos que se mostram especialmente propensos a vivenciar este tipo de masoquismo apresentam uma necessidade inconsciente de punição, e que a satisfação deste lhe dá um retorno positivo, sendo assim difícil para a pessoa abrir mão desta posição de flagelado. Nestes casos e de muitos de neurose, um sofrimento pode substituir o outro, mostrando que, o que de fato importa é a possibilidade de um sofrimento que venha satisfazer esta necessidade de punição. Esta necessidade de punição pode ser confundida com a severidade do superego, devido a suas características semelhantes, mas é importante notar que existem diferenças que precisam ser levadas em consideração. A consciência de culpa é uma expressão do surgimento de uma tensão entre o ego e o superego. Não estando à altura das exigências feitas por seus ideais, o ego reage com sentimentos de ansiedade. O superego, agente

que representa o mundo externo e também o id, surgiu primeiramente da introjeção dos primeiros objetos libidinosos elegidos pelo id. Ao serem assimilados pelo superego, estes objetos foram dessexualizados, tornando possível assim a superação do complexo de Édipo. O superego reteve destes que tomou como molde sua força, severidade e sua predisposição a vigiar e punir, porém com um diferencial, sendo estes objetos dessexualizados, a severidade destes foi aumentada, tornando o superego um cruel vigia de todas as ações do ego (FREUD, 1924/2006, p. 183-185).

Durante o tratamento de pessoas que mostravam sinais deste masoquismo moral Freud notou que estes indivíduos estavam sob a influência de uma consciência especialmente severa, mas que não estavam conscientes dela. Uma consciência moral muito forte é efeito de um superego sádico, que sobrepõe ao ego a sua vontade e na grande maioria das vezes está disponível a consciência. No masoquismo moral este não é o caso, ficando na maioria das vezes inconsciente, precisando assim ser inferida. Esta necessidade de punição inconsciente levou Freud a postular que, isto significava um desejo de punição sofrida por um poder paterno, próximo ao desejo de ter uma relação sexual passiva com ele, sendo o masoquismo moral uma deformação mais aceitável deste desejo. Assim sendo, ao contrário da consciência moral, o masoquismo moral se torna novamente a moral sexualizada, revertendo a dessexualização que ocorreu na resolução do complexo de Édipo. Com esta reedição do complexo de Édipo que surge com esse retorno da sexualidade no masoquismo moral, abre-se um novo caminho para a regressão. O senso ético ainda pode existir ao lado deste masoquismo moral, mas esta regressão não se mostra vantajosa nem para a moralidade nem para a pessoa. Freud postula também que esta volta do sadismo contra o eu ocorre de uma forma regular em sociedades que promovem uma supressão cultural dos instintos, impedindo que os indivíduos possam aplicar esta pulsão destrutiva em outros objetos durante sua vida, e esta pulsão impedida de alcançar seu destino se volta contra o ego numa intensificação do masoquismo. O mesmo pode ocorrer, só que desta vez sem a modificação deste tipo, com o superego. Este recebe esta pulsão sádica e a aplica sobre o ego. Neste sentido, o masoquismo e o sadismo do superego trabalham no mesmo sentido, produzindo os mesmos efeitos (FREUD, 1924/2006, p. 187). Ao fazer conclusões sobre o masoquismo moral Freud (1924/2006, p. 188) postula que:

O masoquismo moral, assim, se torna uma prova clássica da existência da fusão do instinto. Seu perigo reside no fato de ele originar-se do instinto de morte e corresponder à parte desse instinto que escapou de ser voltado para fora, como instinto de destruição. No entanto, de vez que, por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal.

3.2A AGRESSIVIDADE E SEUS DESTINOS NA SOCIEDADE

Quando falamos de uma agressividade ligada ao sexual no capítulo passado não devemos esquecer que uma agressividade que não está ligada a pulsão sexual existe e possui grande importância na vida diária do indivíduo. A satisfação desta agressividade, fruto da pulsão de morte, mesmo não estando ligada à sexualidade, traz ao ego um alto grau de satisfação narcisista, ao passo que realiza desejos de onipotência encontrados no narcisismo primário, estágio do desenvolvimento superado, porém jamais esquecido. Neste sentido o ser humano possui uma disposição inata para a agressividade que remete a uma posição pulsional original. Esta agressividade, porém, não pode existir em uma sociedade sem ser manejada de certa forma, pois seria ela a causadora do fim da civilização nos moldes como conhecemos hoje (FREUD, 1930/2006, p. 123-125).

A agressividade humana faz com que o nosso semelhante não seja visto somente como um objeto de amor e um aliado para a construção de uma sociedade tida como civilizada. Todo ser humano possui dentro de si uma considerável quota de agressividade, sendo assim este outro indivíduo também pode servir a outro propósito, o de ser sadicamente sobrepujado pela agressividade do eu. Esta inclinação traz consigo considerável dificuldade na manutenção das relações humanas e, assim sendo, força a civilização a gastar grandes quantidades de energia tentando controlar esta pulsão dos seus integrantes, caso contrário se vê em risco de ser destruída. A sociedade por sua vez tenta manter o controle sobre esta agressividade por formações reativas. Freud cita como exemplo disso o mandamento da religião crista no qual o indivíduo deve amar ao outro como a si

mesmo e outras restrições que caminham no sentido de lutar contra esta predisposição do ser humano (FREUD, 1930/2006, p. 116-117).

Esta agressividade é então enviada de volta para o ego. Parte deste assume esta agressividade, como o superego, e a impõe sobre o restante do ego sob a forma de uma consciência que possui a mesma severidade que o ego outrora gostaria de aplicar sobre outro objeto. Esta tensão que existe entre o superego e o ego é o que gera o sentimento de culpa, fazendo com que o ego experimente uma necessidade de punição para que esta tensão se alivie. O sentimento de culpa surge após uma ação que este superego acredite ser condenável. A ação condenável não carrega o caráter inerente em si, este surge de acordo com as normas do superego, uma vez que elas não são calcadas diretamente sobre o que é prazeroso ou não, ou se é desejável ou não. Podemos dizer, com certo grau de segurança, que esta lista de normas, ou pelo menos muitas delas, remonta a períodos iniciais do desenvolvimento humano, períodos de desamparo e dependência em relação a outras pessoas. É aprendido nesta época que ações como estas podiam acarretar na perda do amor essencial para o desenvolvimento da criança, amor este que ela não podia se dar ao luxo de perder. Tanto o ato praticado no mundo real, como o ato fantasiado são passíveis de punição pelo superego. Isto se deve ao fato de que ao surgir o superego a autoridade agora está internalizada e mais nada pode fugir do seu olhar, ao passo que antes do surgimento desta instancia o poder de observação da autoridade estava presa ao mundo material. Este superego pune o ego com o mesmo rigor a autoridade que o superego teve como molde. Anteriormente a renúncia da pulsão se fazia suficiente para evitar o medo causado pela autoridade externa, mas com a impossibilidade de esconder o desejo do superego esta renúncia já não basta, surgindo novamente o sentimento de culpa (FREUD, 1930/2006, p. 127-131).

Este instinto renunciado não desaparece do sistema psíquico e assim sendo, precisa ter um destino. Considerando o caso da agressividade, veremos que ao renunciar a uma pulsão deste caráter, esta pulsão agressiva pode encontrar no superego uma saída, fazendo com que o superego torne ainda mais severas suas exigências para com o ego (FREUD, 1930/2006, p. 132).

Não seria estranho imaginar que uma criança, em algum momento, quisesse se impor sobre a figura de autoridade. Isto, porém, é impossibilitado pela realidade, criando a necessidade de novas estratégias para que seja possível lidar com este sentimento. O mecanismo de identificação vem solucionar este problema. A criança se transforma no seu superego e o ego desta criança se identifica com o seu agressor. Este ego agora sofre toda a agressividade que outrora quisera direcionar à autoridade. Com isto se chega à outra conclusão importante sobre o superego. Não somente este assimila características da autoridade externa, mas também une a isso a nossa agressividade contra este pai severo (FREUD, 1930/2006, p. 132-133).

4 DO TERROR DIRECIONADO A OUTROS

4.1 A QUESTÃO DO SADISMO

No capítulo anterior foi mencionada a existência de uma pulsão de caráter agressivo, e que este faz parte do mundo interno do indivíduo. Pouco foi dito quanto à origem desta pulsão e como é possível que esta tome novos caminhos, sem que seja alterado seu objetivo inicial.

A pulsão de agressividade, assim como toda pulsão, tem sua gênese dentro do próprio indivíduo, sendo assim, não necessita de algum estímulo do mundo externo para que esta surja. Além disso, se distingue destes estímulos vindos de fora pelo fato de que seu efeito não se dá em um momento pontual, um impacto, como uma forte luz apontada para os olhos. Este efeito se dá de forma contínua, exercendo uma pressão cada vez maior sobre o ego. O Ego, não podendo escapar desta pulsão visto que não existe ação de fuga possível, procura satisfazer esta pulsão, diminuindo a tensão desprazerosa que assim surge (FREUD, 1915a/2006, p. 124-125).

Todo instinto possui certas características que precisam ser estudadas antes de compreendermos suas manifestações no indivíduo. A primeira delas é a pressão que exerce sobre o ego. Esta pressão se refere à força inerente à pulsão, que movimenta o ego num determinado sentido. Esta força existe em todas as pulsões, e é importante notar que mesmo tendo finalidades passivas, esta pressão ainda existe. A finalidade da pulsão é sempre a sua satisfação, obtida através da eliminação da fonte da pulsão, eliminando assim o estado de estimulação causado pela pressão que a pulsão faz sobre o ego. Mesmo possuindo a mesma finalidade, as pulsões alcançam de formas muito variadas. O objeto da pulsão é o catalizador que a pulsão utiliza para atingir sua finalidade. O objeto é o que existe de mais mutável quando se fala de pulsão, pois ele não está ligado inicialmente a pulsão, ele é elegido em um momento posterior ao surgimento da pulsão por ser adequado a finalidade da pulsão. Por fim temos a fonte de uma pulsão. Consideramos que a fonte da pulsão seja um processo somático que ocorre em alguma região do corpo ou em um órgão

específico, e que a estimulação desta região precisa ser representada na vida psíquica do sujeito por uma pulsão (FREUD, 1915a/2006, p. 127-129).

Durante sua evolução essa pulsão passa por algumas transformações. Para o presente trabalho falaremos somente da reversão ao seu oposto e do retorno da pulsão para o próprio eu, mas não devemos esquecer que a repressão e a sublimação são transformações importantes no curso de uma pulsão. Quando falamos em reversão ao oposto em uma pulsão, na verdade estamos falando de dois tipos de transformação. A primeira delas é a mudança da atividade para a passividade e a segunda, que não será aprofundada aqui, se refere a uma reversão do seu conteúdo. O exemplo que cabe aqui da primeira modalidade é o par de opostos composto pelo sadismo e masoquismo. A finalidade ativa do sadismo, o torturar, se transforma na finalidade passiva do masoquismo, o ser torturado. O masoquismo então é na verdade o sadismo que retorna em direção ao eu, em contraste ao outro que é o alvo do sadismo. É possível notar que o que foi alterado na realidade foi o objeto, mudando a essência do processo, porém a finalidade da pulsão permanece inalterada. Em outras palavras, o processo da modificação do sadismo para o masoquismo segue a seguinte ordem: o sadismo inicial consiste no exercício da violência ou poder sobre outra pessoa, sendo esta, neste caso, o objeto, em seguida este objeto é abandonado e é substituído pelo eu do indivíduo. Aqui a pulsão muda de ativa para passiva, mas é importante notar que o ego ainda não possui uma atitude passiva para com outra pessoa. Num momento posterior esta pessoa estranha é recrutada pelo ego e assume o papel de sujeito, e o ego de objeto. É importante notar que esta satisfação segue o caminho original do sadismo, uma vez que existe apenas a troca de papéis, o sujeito como objeto e o estranho assumindo o papel de sujeito (FREUD, 1915a/2006, p. 131-133).

Esta reflexão que foi feita até agora não explica claramente a razão pela qual existe no sadismo uma finalidade particularmente estranha, a de causar dor. A dor não parece ter lugar privilegiado nas intenções originais da pulsão, se é que a dor sequer figura nesta posição desde o início da pulsão. Mas fica claro que quando o sadismo se transforma em masoquismo a dor e outras sensações desagradáveis passam a ter no sujeito um efeito que produz excitação sexual, gerando uma condição agradável para o sujeito. Condição esta que consegue compensar o componente desagradável da dor, fazendo com que o indivíduo se coloque de forma submissa ao desprazer da dor. Surgindo esta possibilidade, a finalidade de causar

dor no sadismo também pode surgir, ao passo que a dor causada em outra pessoa pode ser desfrutada masoquicamente pelo sujeito sádico através da identificação com a pessoa que ele usa como objeto. Assim sendo, não é a dor que traz dentro de si um caráter de prazer, mas a excitação sexual que a acompanha, excitação essa que pode ser sentida de forma mais conveniente da posição sádica. Aqui temos um novo aspecto importante da pulsão. É possível notar que a pulsão original e seu oposto podem surgir lado a lado, numa situação de ambivalência (FREUD, 1915a/2006, p. 133-136).

Além do que já foi dito, a transformação do sadismo em masoquismo pode acarretar num retorno às origens narcisistas do indivíduo. O sujeito narcisista é revivido através da identificação com o ego estranho. Segundo Freud, as vicissitudes pulsionais já mencionadas se acham ancoradas na organização narcisista do ego (FREUD, 1915a/2006, p. 137).

4.2 O TERROR DA GUERRA E DA MORTE

O estudo da psicanálise mostra que certo grau de sofrimento é necessário e esperado na vida psíquica humana. A agressividade está presente no desenvolvimento humano desde seu início, mesmo que a civilização, de uma forma ou de outra, tente combatê-la. Apesar de tudo isto, a guerra, na nossa sociedade atual, não é algo que é recebido de bom grado pela maioria da população. Ela traz consigo a morte e o sofrimento, coisas que tentamos ao máximo evitar, mas mesmo assim alguns envolvidos por ela se lançam para a morte muitas vezes pela própria vontade. Aqui não pretendo discutir os motivos econômicos que levam um estado à guerra, mas sim o porquê alguns indivíduos, que além de cometerem atos condenáveis que jamais se julgariam capazes em tempos de paz, se lançam para a morte, para destruir o inimigo de forma que parecem ignorar a possível morte que os aguarda.

Como já foi dito anteriormente, o ser humano possui em si as mais diversas pulsões, as agressivas inclusas. Mas estas tendem a ser um problema para o processo civilizatório, que tenta transformar este indivíduo em virtuoso e nobre. Esta tentativa de erradicar as tendências más de um indivíduo e substituir por boas por

meio da educação e outras ferramentas utilizadas pela sociedade não impedem que elas voltem em outro momento da vida. Devo aqui explicitar que as pulsões não podem ser classificadas como boas ou más em sua essência. Esta classificação é dada pela sociedade de acordo com os interesses desta sociedade em questão, levando em conta seus objetivos. Este controle pulsional que a sociedade tenta realizar é falho. Estas tendências más que o ser humano possui são fruto de pulsões primitivas, inerentes ao homem em qualquer período histórico. Estas pulsões primitivas passam por um longo desenvolvimento, sofrendo desvios, inibições e alterações de conteúdo para que possam se adequar a sua realidade em questão, mas sem nunca deixarem de existir (FREUD, 1915b/2006, p. 290-291).

Quando falamos em adaptação de uma pulsão na sociedade falamos de duas situações distintas. A primeira delas se refere à mistura destas pulsões egoístas com componentes eróticos, neste caso sendo transformados em pulsões sociais. Neste caso o indivíduo sacrifica uma pulsão egoísta em favor do amor e, conseqüentemente, da sociedade. No segundo caso, estas pulsões podem se transformar em seus opostos para que possam ser satisfeitas, assim, o egoísmo pode se tornar altruísmo ou a crueldade em piedade, mas não existe nenhuma garantia que uma alteração no sentido do enobrecimento da pulsão tenha de fato acontecido. Neste caso, pode ser que uma pessoa tenha escolhido se comportar da maneira que a sociedade espera, não existindo nenhuma alteração no instinto, permanecendo este na sua forma primitiva, mas, o comportamento em si será o mesmo do primeiro caso. Isto se deve ao fato de que a sociedade não se preocupa com as bases pulsionais do comportamento, conquistando assim uma obediência que tem como preço uma supressão constante da pulsão, criando fenômenos de reação e compensação para aplacar este conflito (FREUD, 1915b/2006, p. 291-293).

Esta tensão acumulada se faz visível em deformações do caráter do indivíduo e na prontidão que a pulsão mostra em irromper a cada oportunidade que surge. Assim sendo, existe um grande número de pessoas que vivem de maneira a se adequar a sociedade, reprimindo assim seus reais desejos. Mesmo que na aparência a sociedade tenha se libertado de uma grande parcela de agressividade quando comparado ao homem primitivo, dada a certa circunstância, o homem atual é capaz de fazer coisas inimagináveis. Mesmo com os ganhos culturais, os estágios anteriores do desenvolvimento humano nunca são apagados, podendo ser reavivados a qualquer momento, o que não pode ser dito com tanta certeza sobre as

conquistas mais recentes do desenvolvimento humano. Além disso, existem momentos particulares da história de uma civilização em que esta agressividade é recrutada para um desejo deste Estado. (FREUD, 1915b/2006, p. 294-297).

Este Estado que outrora lutou contra esta pulsão a utiliza para destruir seus inimigos, como explicita Freud (1915b/2006, p. 294):

Na realidade, nossos concidadãos não decaíram tanto quanto temíamos porque nunca subiram tanto quanto acreditávamos. O fato de a coletividade de indivíduos da humanidade, os povos e os Estados, terem mutuamente ab-rogado de suas restrições morais, naturalmente estimulou esses cidadãos individuais a se afastarem momentaneamente da constante pressão da civilização e a concederem uma satisfação temporária aos instintos que vinham mantendo sob pressão. Isso provavelmente não envolveu qualquer violação de sua moralidade relativa dentro de suas próprias nações.

Outro aspecto da guerra cujo estudo se mostra importante para a problemática em questão é a forma como lidamos com a morte. Sabemos que a morte é parte natural da vida, mas tendemos a colocá-la de lado, como se ela fosse válida para as outras pessoas, mas não a nós. Quando se trata da morte de outro, o homem civilizado tende a evitar o assunto, principalmente quando próximo a uma pessoa condenada. Nutrir a ideia da morte de outra pessoa para alguns é algo impensável conscientemente, e os que fazem normalmente sentem um grau de culpa acentuado. Com aqueles que já faleceram temos uma postura especial, uma espécie de admiração semelhante como a que temos com alguém que passou por uma situação muito difícil. A pessoa perde suas qualidades negativas e seus crimes são esquecidos. Quando a pessoa que morre é alguém que amamos ficamos inconsoláveis e nada preenche o vazio deixado pela pessoa (FREUD, 1915b/2006, p. 299-300).

A verdade é que não sabemos lidar com a morte. Mas ela não some de nossas vidas, muito pelo contrário. Quanto mais tempo vivemos, mais temos que lidar com ela. Assim sendo, procuramos ferramentas que nos ajudem a digerir esta ideia, e a ficção nos oferece uma ótima saída para vivermos a morte sem que tenhamos que lidar as consequências dela, como bem colocado por Freud (1915b/2006, p. 301):

Constitui resultado inevitável de tudo isso que passamos a procurar no mundo da ficção, na literatura e no teatro a compensação pelo que se perdeu na vida. Ali encontraremos pessoas que sabem morrer — que conseguem inclusive matar alguém. Também só ali pode ser preenchida a

condição que possibilita nossa reconciliação com a morte: a saber, que por detrás de todas as vicissitudes da vida devemos ainda ser capazes de preservar intacta uma vida, pois é realmente muito triste que tudo na vida deva ser como num jogo de xadrez, onde um movimento em falso pode forçar-nos a desistir dele, com a diferença, porém, de que não podemos começar uma segunda partida, uma revanche. No domínio da ficção, encontramos a pluralidade de vidas de que necessitamos. Morremos com o herói como qual nos identificamos; contudo, sobrevivemos a ele, e estamos prontos a morrer novamente, desde que com a mesma segurança, com outro herói.

O homem primitivo tinha uma visão muito peculiar da morte. Por um lado ele encarava a morte seriamente, reconhecia que ela representava o fim da vida, mas também a negava. Sua posição dependia de quem a morte fosse atingir. Caso se trate de um inimigo, ele não se opõe e não tinha problema em causar esta morte, visto que significava apenas o desaparecimento de alguém que ele odiava. Sua visão da própria morte se assemelha com a nossa. Para ele isto é algo inimaginável e surreal, mas ao ver pessoas que ele amava morrerem, ele foi forçado a encarar a ideia de ser também um mortal, tendo em vista o fato de que cada um dos seus entes queridos era também parte do seu próprio eu. Mas, em certo grau, este primitivo também odiava estes amigos, surgindo certa satisfação nessa situação. Este conflito impediu o afastamento da morte, o sentimento de ambivalência foi o responsável pela reflexão deste homem sobre a sua própria morte. Não conseguindo admitir a realidade de sua própria mortalidade, o homem primitivo chega a um meio termo. Não a nega, mas não aceita seu significado de destruição. Ao observar o cadáver de alguém amado criou os espíritos, imortais, uma vez que não aceitava a própria destruição, mas dotados de intenções malignas, reflexo do seu próprio sentimento de culpa projetado nestes espíritos. O homem moderno aprendeu a superar este conceito, assim sendo mata seu inimigo sem pudor, caso isto seja aceito pela sociedade. Este crime passa despercebido, e muitas vezes este homem é tido como um herói por aqueles que o rodeiam (FREUD, 1915b/2006, p. 302-305).

Com isto em mente temos que nos perguntar. Por que a ideia dos espíritos desapareceu em nós? Freud responde que é fácil creditar estes espíritos a superstição, mas é importante notar que estes espíritos são na verdade a expressão de culpa pelo homicídio. Isto pode indicar que no homem moderno esta sensibilidade ética que o homem primitivo tinha já não se faz mais presente (FREUD, 1915b/2006, p. 305).

Nosso inconsciente, assim como o do homem primitivo, não aceita a ideia de nossa própria morte, é inclinado ao assassinato em relação a estranhos e a indivíduos que odiamos e reage de forma ambivalente a morte de pessoas que amamos. A única coisa que mudou quando comparamos o homem moderno com o primitivo foi a sua resposta cultural para com a morte (FREUD, 1915b/2006, p. 309).

5 CONCLUSÃO

Esta morte tão temida não parece ser compatível com o terror aqui trabalhado, mas podemos ver como ela pode se utilizar das muitas formas que o terror pode tomar na nossa cultura, principalmente na fantasia. Nela somos imortais, mas mesmo assim nos emocionamos com a morte. Morte que não nos pega da mesma forma que a morte de um ente querido, ou da nossa própria morte. Nesta fantasia podemos morrer sem o risco da aniquilação, podemos elaborar a nossa própria mortalidade e voltar para a vida comum como se nada tivesse ocorrido. Podemos também, junto com o herói, sobreviver a situações desesperadoras pelas quais nenhum mortal conseguiria matar todos os nossos inimigos e sair de lá com desejos narcísicos a muito abandonados revigorados.

Além da problemática da morte encontramos outro ponto que precisa ser trabalhado quando falamos da relação do homem com o assustador, a pulsão agressiva. Vimos que a importância da agressividade na formação da relação que existe entre o ser humano e o terror ocupou grande parte da discussão aqui realizada. A princípio esta agressividade é fundamental para a sobrevivência humana, pois a criança se utiliza desta para afastar de si tudo que tem como aversivo. Num segundo momento, porém, esta é obrigada a abdicar desta agressividade em prol da vida em sociedade, uma vez que a sociedade não pode existir sem que exista um controle sobre tal pulsão. Esta pulsão não some com a repressão da sociedade, podendo se transformar de várias maneiras para que alcance seu fim, a satisfação.

Assim sendo, esta agressividade precisa de um novo objeto, e é aí que a indústria do terror entra. Aqui me utilizo do termo “indústria do terror” para classificar tudo que, a fim de aplacar a fúria da agressividade, usa o terror como objeto, como a indústria do cinema, programas policiais e até mesmo ações políticas, como práticas públicas e guerras. O sadismo e o masoquismo são saídas que o indivíduo pode utilizar para tentar se livrar da tensão causada pelo conflito gerado pela não satisfação desta pulsão agressiva, sem que tenha que descumprir os mandamentos da cultura. Isto é válido tanto na realidade material, quanto no mundo de fantasia.

No mundo real nos utilizamos da figura do inimigo, depositário permitido, e, às vezes, até incentivado, pela sociedade, podemos tomar também uma posição obsessiva com relação às regras sociais. Neste caso a cultura ganha um defensor fervoroso, que não ousa ir contra o seu superego fortalecido com a agressividade que tem ele como objeto, ou o próprio ego que recebe esta agressividade carregada de libido e se coloca de bom grado sob o julgamento social.

Na fantasia tudo o que foi dito para a realidade é válido. Além disso, a segurança de poder tomar o lugar de qualquer um dos personagens da fantasia torna possível a satisfação, até certo ponto, de uma série de pulsões que de outra forma ficariam sem satisfação. Ao se identificar com o herói pode, sem o medo da morte, se vingar do vilão, vilão este que pode ocupar o papel de qualquer um que tenha lhe feito mal. Além disso, o ego do indivíduo pode se identificar com o monstro imortal e poderoso, revivendo o sujeito todo poderoso da organização do narcisismo primário. Pode temer o monstro, e se colocar na mesma posição que se coloca uma criança que se submete à rigidez do pai. Podemos também mencionar que na fantasia podemos viver objetos de amor abandonados a muito, sem que tenhamos que encarar a consequência deste retorno.

Tudo o que já foi dito aqui se refere apenas a uma fração do quadro geral sobre o terror. O assustador vai além do que foi trabalhado aqui, sendo assim merece um aprofundamento deste estudo. Mas daqui podemos tirar uma consideração importante. Tendo esta discussão em mente podemos levantar a hipótese de que, tendo em mente todos os seus benefícios, não podemos considerar a indústria do terror como um dos vários pilares que auxiliam na manutenção da nossa sociedade? É possível que esta resposta possa ser obtida através um estudo continuado do terror.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. (1905). **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1914). **Sobre o Narcisismo. Uma introdução**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1915). **Os Instintos e Suas Vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1915). **Reflexões Para os Tempos de Guerra e Morte**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1919). **O Estranho**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1924). **O Problema Econômico do Masoquismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1940 [1922]). **A Cabeça de Medusa**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

IRMEN, F.: BEAU, A. E.: **Langenscheidt dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã**. Berlin: Langenscheidt, 2011.

PLON, Michael; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução por Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.